

**REVISITANDO O MODERNO: AUTRAN DOURADO E O DESCENTRAR DA  
MODERNIDADE**

**REVISITING THE MODERN: AUTRAN DOURADO AND THE  
DECENTRALIZATION OF MODERNITY**

Luiz Eduardo Ludvig Alencastro<sup>1</sup>  
Edgar César Nolasco<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo emerge do projeto de pesquisa “Autran Dourado: aprender a desaprender para re-aprender a crítica”, erigido no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Ancorando-me na percepção de que a fortuna crítica da literatura do escritor mineiro Autran Dourado não é amplamente estudada, tenho como objetivo discutir, com amparo da crítica biográfica fronteira (Nolasco, 2015), como sua fortuna crítica possibilita diálogos com a descolonialidade a partir do conceito de modernidade. Assim, centrando-me nos textos “As potências de Autran Dourado” (Guimarães, 2024a), “Ficções nas ficções de Autran Dourado” (Guimarães, 2024b) e “Modernismo mineiro e o cosmopolitismo” (Souza, 2022), além de outras composições críticas, busco traçar comparações teóricas que se direcionem a repensar a modernidade. Nesse sentido, tendo em vista as peças críticas elencadas, entrevejo que a poética autraniana se localiza geográfica e historicamente na transição de uma Minas Gerais arcaica para a sua fase de modernização, fatores que me possibilitam erigir um fazer crítico em confluência com o mito da modernidade (Dussel, 2000). Por fim, concateno minhas ideias a fim de poder estabelecer uma prática de re-ler a recepção crítica autraniana e, conseqüentemente, a sua literatura.

**Palavras-chave:** Autran Dourado; literatura comparada; crítica biográfica fronteira; recepção crítica; modernidade.

---

<sup>1</sup>Graduando em Letras Português/Espanhol. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: [alencastroluiz265@gmail.com](mailto:alencastroluiz265@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8817-635X>

<sup>2</sup>Professor titular (UFMS), Doutor em Literatura Comparada (UFMG) com pós-doutorado em Cultura (PACC- UFRJ). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Mato Grosso do Sul. Brasil. E-mail: [ecnolasco@uol.com.br](mailto:ecnolasco@uol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>

## ABSTRACT

This article emerges from the research project "Autran Dourado: aprender a desaprender para re-aprender a crítica", erected at the Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Anchoring myself in the perception that the critical fortune of the literature of the writer mineiro Autran Dourado is not widely studied, I aim to discuss, with support of the border biographical criticism (Nolasco, 2015), as its critical fortune allows dialogues with decoloniality from the concept of modernity. Thus, focusing on the texts "As potências de Autran Dourado" (Guimarães, 2024a), "Ficções nas ficções de Autran Dourado" (Guimarães, 2024b) and "Modernismo mineiro e o cosmopolitismo" (Souza, 2022), besides other critical compositions, seek to draw theoretical comparisons that are directed to rethink modernity. In this sense, considering the critical pieces listed, I foresee that the poetic autraniana is located geographically and historically in the transition of an archaic Minas Gerais to its modernization phase, factors that allow me to erect a critical doing at the confluence with the myth of modernity (Dussel, 2000). Finally, I am building my ideas in order to establish a practice of re-reading the critical reception of Autrano and consequently its literature.

**Key words:** Autran Dourado; comparative literature; biographic frontier criticism; critical reception; modernity.

**Artigo recebido em:** 06/03/2025

**Artigo aprovado em:** 29/08/2025

**Artigo publicado em:** 01/09/2025

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v12.5860>

## DO MODERNO AO NÃO-MODERNO: POR UMA PERSPECTIVA DESCOLONIAL

O modelo ocidental e eurocêntrico das teorias sobre a modernidade foi, por muito tempo, aceito como único, sem que sua hegemonia fosse contestada. Porém, diferentes experiências da modernidade podem ser observadas, considerando não só o descompasso temporal de sua atualização pelas distintas culturas, como as singularidades múltiplas e divergentes dessa vivência dentro das próprias manifestações locais (Cardoso; Souza, 2014, p. 27.)

Todo ato de escrita e de leitura é histórico. Por isso mesmo aberto a reescrituras e releituras de acordo com as materialidades do arquivo, com as novas posições ocupadas por uma obra frente ao cânone ou a seu questionamento (Guimarães, 2024a, p. 3.)

O vocábulo “moderno” bem como as ideias veiculadas por tal palavra são uma das bases que sustentam a formatação da sociedade hodierna. Assim, na atualidade, busca-se circunscrever e aplicar a diferentes objetos, teóricos ou materiais, o privilégio de ser moderno e de se modernizar, gerando diversas transformações na sociedade, desde o conceitual até o empírico. Tendo em vista a evidente presença do termo no hoje, entrevejo que o moderno se faz presente na literatura, exemplificadamente, tem-se o movimento modernista e todos os seus desdobramentos. Nesse campo teórico, concentrando-me em uma epistemologia descolonial, proponho que o moderno se estabeleça em perspectivas assimétricas de poder, determinando conceitos cooptados em bases coloniais para ilustrarem o ideal a ser reproduzido.

À luz da primeira epígrafe, sintetizo que há muito tempo as teorias acerca da modernidade se detêm em tentar reproduzir a experiência moderna ocorrida em solo europeu, ignorando as idiossincrasias locais e, acima de tudo, o passado colonial que impacta pontos de vista na própria produção literária. No tocante à visão anterior acerca da centralidade das teorias sobre a modernidade, penso ao longo do que escrevo: é possível descentralizar as teorias sobre modernidade? A questão serve de força motriz para o engendramento de meu texto, uma vez que o falar a partir de (MIGNOLO, 2003) é indispensável, isto é, escrever a partir da localidade da inscrição do conhecimento e teorizar, indo ao encontro com a suplantação das perspectivas locais por tentativas de reprodução europeia de modernidade.

A posição adotada pelas pesquisadoras literárias Marília Rothier Cardoso e Eneida Maria de Souza são basilares, dado que as autoras promovem uma releitura da modernidade, fator que me permite avançar as postulações iniciais circunscritas em uma epistemologia descolonial. Ademais disso, adjuntas a tal posição trago à tona a fortuna crítica do autor mineiro Autran Dourado para elucidar como ler criticamente sua literatura pode ser feita a fim de descentralizar a modernidade europeia. Nesse mote, o teórico Jonatas Aparecido Guimarães, no trecho epigrafado, entra em confluência com o que defendo, já que postula que escrever é uma ação situada na

história e adiciono: por que também não seria uma atitude situada no espaço e corpo de quem escreve? Abarcado por ambas as hipóteses, cabe afirmar que o entrelaçamento dos elementos previamente citados (história, bios e lócus), na tônica descolonial assumida por meus escritos, é a base para que se possa desenvolver aprioristicamente um fazer teórico a partir de e não exclusivamente sobre.

Então, deter-me em trabalhar à exaustão uma prática epistêmica local significa erigi-la do engaste com um sujeito corpo-geo-localizado, em outros termos, não desconsiderar, nem vilipendiar a vida e o local de onde esta nasce para que se possa pensar. Nesse caminho teórico, proponho um pensar crítico biográfico fronteiriço nos moldes do comparatista Edgar César Nolasco, o qual embasará o percurso arrolado neste texto:

Nessa opção teórica, os conceitos teóricos não ancoram a reflexão almejada, mas antes, assim como o corpo do objeto de pesquisa, estão a serviço de uma teorização fronteiriça que, em quaisquer circunstâncias, esta atravessada pelo biolócus do sujeito pesquisador. (Nolasco, 2018, p. 12.)

Ancorando-me nas assertivas de Nolasco (2018), dou mais fôlego para a leitura crítica que se subsidiará aqui. Assim, o que se pauta no meu ler criticamente atravessa meu corpo de pesquisador alocado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Dessa forma, temos bios (vida) e lócus (lugar) exteriores de qualquer centralidade epistemológica e não delego tais fatores na minha produção epistemológica. Considerando isso, cabe afirmar que os conceitos estão sempre perpassados pelas sensibilidades daqueles que os pensam.

Em contraposição à ideia pretendida, mais uma vez destaco que projetos de modernização globalizantes desarticulam peculiaridades locais para dar origem ao discurso moderno e homogêneo. Cabe caracterizar que a modernidade se funda na separação entre sujeito e objeto e, por consequência, estipula-se que sempre há algo a ser pensado por alguém que detém o conhecimento (Nolasco, 2018). Tendo

descortinado o cenário, cabe a este objeto ser levado por uma teoria pensante para que possa existir e ser reconhecido. Logo, desprendo-me do modo moderno de pensar, ademais disso, isto é imperativo para que o discurso erigido se alcinhe nos alicerces descoloniais e, assim, estabeleça uma descentralização das teorias sobre modernidade.

Nesse ponto, a inserção do crítico provoca a dissolução entre sujeito e objeto, uma vez que o próprio pensador se torna parte da teorização, dispondo-se de sua vida e local como elementos importantes na sua escrita. Coloco-me na posição de quem fala a partir de um *lócus* exterior dos cultos ao progresso moderno, erijo meu discurso da fronteira-sul e enquanto crítico descolonial, cabe a mim entrever que se precisa falar sobre e a partir do que nos foi negado. Tomando emprestado as palavras do intelectual Nolasco “Precisamos aprender a falar do *bios* e do *corpo*; afinal uma pesquisa tem alma” (Nolasco, 2018, p. 19.) Volto-me para a hipótese de avistar a vida e o local como integrantes de teorização, situando a escrita no *corpo* e no *lócus* de quem a escreve, a fim de subverter o modo moderno de pensar e, por consequência, refletir sobre uma quebra da divisão categórica entre o pensador e o que se pensa. Concomitante à proposição, podemos estipular que o caminho para ponderar acerca de novas leituras em Autran Dourado e descentralizar a modernidade seria a inscrição *corpo-geográfica* do conhecimento:

[...] trata-se do que passo a denominar de (*bios*=vida + *lócus*=lugar) *biolócus*. Por essa conceituação compreendo, então, a importância de se levar em conta numa reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios* (quer seja do ‘objeto’ em estudo, quanto ao sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do *lócus* (o lugar a partir de onde tal reflexão é proposta) (Nolasco, 2015, p. 59.)

Tendo em vista que a fundamentação de minhas reflexões se fixa na mescla de elementos *biográficos* e *locais*, ou melhor pontuando, *biolocais*, congrego neste trabalho que ambos não devem mais ser vilipendiados em nossas teorizações, inclusive quando feitas a partir da literatura. Adentrando o campo literário, Autran

Dourado e suas narrativas se apresentam nesta discussão, uma vez que o literato mineiro se vale justamente dos elementos biolocais para a construção de suas obras. Nesse mote, a composição ficcional de Autran Dourado tem como fundamento o estado de Minas Gerais, buscando a criação de uma imagem não comum sobre o espaço de onde se erigem suas narrativas. Parafraseando Guimarães (2024a), perceber o método composicional de Dourado deságua, de antemão, em ficcionalizar Minas Gerais. Desse modo, as terras mineiras, bem como as práticas culturais e modos de viver ali existentes, transformam-se em matéria-prima para que sua prosa entre em funcionamento.

A aproximação do local com o autor mineiro se configura como um pontapé inicial de minha teorização. Ademais disso, penso, ainda na esteira de Guimarães, que há a possibilidade de entrever a história da literatura brasileira na prosa autraniana, ou melhor, pautando-me nas diferentes associações teóricas que sua fortuna crítica me permite com o foco teórico deste artigo, a modernidade. Para adentrar a produtividade que sua fortuna crítica oferece, retorno ao argumento da escrita ser/estar localizada para avançar em direção à proposição de estabelecer que: se Autran Dourado escrevia a partir de um local onde as teorias eurocêntricas sobre modernidade se sobressaiam, cabe a mim, imbuído pela crítica descolonial, estabelecer relações teóricas na crítica de Dourado para re-conceituar o moderno e seus impactos.

Nesse afã, a narrativização de Minas no texto de Autran gira em torno de um eixo central, o advento da modernidade. O processo modernizatório de Belo Horizonte, além do impacto que o movimento estético do modernismo causou, serve de base para um cenário no qual o moderno se torna essência da obra autraniana. A exemplo, Guimarães (2024b) sinaliza como emblemático que o primeiro volume de Óperas dos mortos (Dourado, 1967) se finda com a chegada do automóvel, em adição, elementos da cultura moderna se mostram também em *Uma vida em segredo* (Dourado, 1964), expressados pela dicotomia entre a personagem principal, Biela, oriunda do campo e sua família da zona urbana.

Inclusive, retorno a Nolasco (2018) para pensar que o fenômeno da dicotomização é caro à modernidade. Como comenta, a separação estritamente dualista, por exemplo, a divisão entre sujeito e objeto, moral e imoral, humano e não-humano, arcaico e moderno, mostra-se necessária para que sempre haja algo a ser dominado. Dessa forma, narrar o moderno se trata, majoritariamente, em colonizar as perspectivas cognitivas de tal maneira que estas se reduzam a desmembrar o mundo sempre em duas peças, uma dominante sobre a outra.

Postos os exemplos, a modernidade nas obras não está completa ou totalmente estabelecida, senão em estado de transição e solidificação. Cotejo tal observação para agregar às minhas ponderações o conceito de modernidade/moderno tardio, engendrado por Eneida Maria de Souza, para, assim, compreender a natureza deslizando da modernidade tardia:

[...] o conceito de modernidade tardia é tributário de um processo de invenção verificada ao longo de práticas pessoais e de gostos mediatizados, deduz-se que se trata de uma operação conceitual em movimento e, por isso, sujeita a definições precárias, em virtude de sua natureza contextualizada. Sem a defesa de uma postura habermasiana, cuja tese define a modernidade como um projeto inconcluso, acreditamos ser a leitura de momentos simultâneos da história uma das maneiras de se repensar o moderno nas suas múltiplas e reincidentes perspectivas (CARDOSO; SOUZA, 2014, p. 29).

Subsidiado pelo pensamento acima, ressalto três pontos principais que se fazem basilares: o primeiro se trata da congruência entre a escrita autraniana e o conceito de modernidade tardia, uma vez que o moderno é um projeto não finalizado e, portanto, não passivo a definições categóricas; o segundo se circunscreve na prática crítica que erijo, já que a modernidade é inconclusa pelo seu caráter contextualizado, paralelamente aos cenários autranianos que se localizam em Minas Gerais e meus escritos que são produzidos a partir de meu biolocus; o terceiro e último urge por uma releitura do moderno, lendo-o sincronicamente.

Inserido nesta perspectiva teórica, vale evidenciar que Souza parte da estética modernista em diferentes casos para reler o conceito de moderno. Entretanto, meu foco não se concentra no modernismo, mas, sim, em uma leitura contextualizada, como afirma Souza, de como a avaliação crítica de Autran Dourado pontua uma poética que interroga o moderno, ainda que dele não se desvie. Guimarães, ao comentar sobre *Novelas de Donga Novais* (Dourado, 2000), afirma: “E, exatamente por problematizar a transição de uma Minas Gerais arcaica para um período de modernização, está em jogo também a tensão entre a tradição/memória oral e a cultura escrita.” (Guimarães, 2024b, p. 48.) Dessa forma, nota-se que a modernização não é apenas um tema esporádico, senão um pilar para se pensar a literatura autraniana em suas idiossincrasias.

Aproximo-me da poética do mineiro, já que a fuga da imponente e cidadina modernidade para o caráter transitório de Minas Gerais se trata de sua leitura acerca da modernidade. Antevejo, então, que ler sua literatura deste lado da fronteira se distingue de qualquer interpretação acerca da modernidade, oferecendo um enriquecimento teórico que não visa a repetição de teorias eurocentradas, senão a criação de uma prática que surge no biolocus.

Pelo quesito de situação espaço-temporal, Dourado se define dentro da estética modernista que, apesar de não ser o ponto fulcral desta teorização, enquadra-se enquanto um movimento que preconiza o elemento central de minha leitura, a modernidade. Sendo assim, visto que toda escrita está situada no corpo e local de quem a executa, vislumbro a modernidade pelos movimentos modernistas por intermédio de seus valores. Tangente às ideias modernas, Souza (2022) esclarece que:

Ao longo do tempo, movimentos modernistas e posteriores tiveram, na figura de seus representantes, ora a valorização exagerada do que nos chegava das metrópoles consideradas desenvolvidas, pela visão de uma superioridade ante o supostamente aspecto provinciano das regiões. Com essa posição, instituía-se a base para o cosmopolitismo moderno de natureza iluminista (Souza, 2022, p. 140).

Isto posto, compartilho da visada de Souza, tendo em vista que se entrevê na literatura de Dourado uma assimetria valorativa entre o ambiente citadino e o provincial. Dou ênfase nesta observação, pois a dicotomia cidade/campo desempenha papéis fundamentais na narrativa. Aprioristicamente, no que tange à presença deste caráter dicotômico na formulação integral de sua obra, ou seja, refiro-me à transição mineira do arcaico para o moderno como pilar de sua escrita. Em segundo plano, a capacidade de se difundir as bases ideológicas do cosmopolitismo, fator preponderante nos movimentos modernistas, do qual Autran Dourado não escapa de reproduzir.

As noções cosmopolitas são importantes, pois o modernismo, enquanto movimento estético da modernidade, realça a imposição de cosmovisões europeias sob a alcunha de únicas possíveis para todos os povos e esse se trata de uma das facetas da universalização abstrata. Nesse sentido, seu impacto se antevê na convivência concomitante dos elementos locais com os modernos, tidos como universais. O cosmopolitismo evidenciou a rivalidade entre as narrativas, práticas e relações locais e as peculiaridades da sociedade moderna em ascensão. Portanto, retomo a primeira epígrafe para reafirmar que, há muito tempo, o modelo de modernidade se baseia em uma visão eurocêntrica e que exclui, dado a preconização do universalismo abstrato, as histórias locais.

Prossigo com as proposições de Souza, no intento de conjecturar arranjos teóricos não trabalhados pela pesquisadora. Assim, Souza realiza a seguinte assertiva: “A importância da revolução modernista para a compreensão de um cosmopolitismo mais aberto e atuante refere-se ao diálogo entre o local e o universal” (Souza, 2022, p. 140-141.), a qual concordo acerca da simultânea presença do moderno/universal e local/arcaico, entretanto, defendo a ideia de que ainda se percebem dificuldades no tocante à congregação de ambas as ideias.

Nesse íterim, identifico a fissura crítica na afirmação da autora, em virtude de que adoto a descolonialidade como esfera epistemológica, por conseguinte,

desconsiderar o passado colonial e propor categoricamente a existência de um diálogo isonômico entre perspectivas locais e universais se mostra incoerente. Não se pode negar que enquanto forma de expressão da modernidade, o modernismo se adapta em solo nacional na tentativa de erguer uma identidade nacional e, para tanto, vale-se do amálgama entre o autóctone e o europeu. Todavia, ambos os componentes se hierarquizam sob perspectivas europeias, rechaçando a provincialidade, visto que esta não reforça a universalização da eurocentralidade.

Na esteira de Eneida (2022), comento sobre o clima cosmopolita em território mineiro, o qual se diferenciava do progressismo da modernidade previsto nos anos 40. Logo, é possível estabelecer uma relação com o que se observa na escrita autraniana, já que se presentifica uma noção de modernidade sempre adiada. Considerando isso, posto que uma Belo Horizonte em fase de transição seria o lócus medular de Autran Dourado, o autor corrobora para a visada das modernidades tardias, dado que pavimenta um caminho revisionário acerca da modernidade.

A natureza transitória de Minas Gerais, apresentada por Dourado, oportuniza a compatibilidade com a epistemologia descolonial que assumo em minha discussão. Assim, sob a égide de um pensamento corpo-geo-localizado, ancoro-me nas ideias do teórico argentino Walter D. Mignolo, a fim de postular que o moderno “constrói-se a partir da própria idéia de que a modernidade se funda nas narrativas de transição” (Mignolo, 2003, p. 281.), originando a dicotomia arcaico/moderno, já apreendida na leitura de Dourado. Aprofundando-se nessa assertiva, a transição se configura enquanto pretexto para a construção de narrativas que rivalizam as duas facetas existentes, o antigo e o moderno.

Entende-se, por ora, que o advento de elementos modernos acarretam um desequilíbrio que leva à dicotomização de perspectivas locais, mas, a origem eurocêntrica do modelo teórico do moderno também se faz importante. Para que as bases europeias sejam devidamente elocubradas, recorro ao filósofo argentino Enrique Dussel. Em diálogo com o estudioso, percebo que a sucessão histórica dos eventos

européus, os quais lhe concedem a denominação de racionais, formata uma visão unânime e linear de história, a qual seria aplicada a todo custo na tentativa de modernizar outros povos.

Portanto, o princípio da subjetividade moderna se sustenta em impor a cronologia de desenvolvimento europeu em outros loci, postulando a sucessão: Reforma, Iluminismo e Revolução francesa como única possível. Nessa mesma direção, tendo em vista que o caminho ideal de progresso é o modelo europeu, o universalismo abstrato se junta com a posição geopolítica privilegiada da Europa após o período colonizatório e marca a história de outros loci ao suplantá-los pela perspectiva europeia. Isso se dá em virtude de “como uma terra em sua infância, então, a América Latina se mantém fora da história global” (Dussel, 1993, p. 70, tradução nossa). Circunscrita nesses moldes, a transição do arcaico ao moderno se valora, pois concede ao objeto de transição emancipação de sua imaturidade, assim, a assimilação com a Europa e suas ideias é necessária, quase obrigatória, para vencer a inércia de não pertencer à história global.

Até o momento, os dois lados rivalizados nos projetos cosmopolitas transitórios se salientam: o local/arcaico e o universal/moderno. Entretanto, paralelo à escrita que se localiza corpo-geograficamente, o conhecimento também. Parto dessa premissa para pôr em reflexão a forma europeia de pensar, bem como a imposição de seus ideais como uma das muitas outras formas regionais de cultura. A favor desta proposição, resvalo na expressão “provincializar a Europa” do historiador Chakrabarty e citada por Mignolo, definida por: “Provincializar a Europa” é tomá-la como uma entre outras histórias locais, sem esquecer (como seria possível?) seu papel hegemônico nos sistemas mundiais/coloniais modernos.” (Mignolo, 2003, p. 289.). Considerando isso, a história europeia não deixa de ser local e especificamente localizada, uma das distinções entre esta e as múltiplas histórias locais é a potência geopolítica desempenhada por cada uma.

Apesar do aspecto provinciano, da perspectiva eurocêntrica, representar a imaturidade latino-americana perante a história global, a pauta, agora, focaliza-se em elucubrar que a história global foi desenhada por padrões da Europa. Dessa forma, colonizam-se não somente territórios, mas, também, perspectivas de futuro para diferentes culturas, na intenção de promover a falácia do desenvolvimento que sob os olhares de Dussel “deve ser seguida unilateralmente por qualquer cultura” (Dussel, 1993, p. 68, tradução nossa.). O que, inserido no que já foi previamente discutido, corrobora a perpetuação de uma prática cosmopolita assimétrica, na qual os saberes são hierarquizados e abalizados em uma perspectiva majoritária ou totalmente eurocentrada.

Ainda nesse ângulo crítico, postulo que o mito da modernidade, pensado por Enrique Dussel, sintetiza toda a discussão acerca do embate de vivências calcadas no antigo e rivalizadas pelo moderno europeu. Assim, o filósofo argentino, mirando identificar um conceito para a modernidade, propõe que: “A civilização moderna nomeia a si própria como uma civilização desenvolvida e superior (algo para tão somente sustentar uma posição eurocêntrica)” (Dussel, 2000, p. 472, tradução nossa). A autodeclaração europeia enquanto moderna e superior fornece subsídios retóricos para forçar outras sociedades a passarem pelo mesmo processo, ao passo que tais sociedades eurocentralizadas são tidas sob a alcunha de exemplos irrevogáveis.

A insistência de Dourado em não se submeter às visões hegemônicas do moderno, ressaltando o arcaico de Minas Gerais, me redireciona a outras possibilidades de o reler. Assim, não o posiciono somente enquanto um rebelde de sua geração ao não retratar o mais convencional da modernidade, senão penso-o como sujeito que privilegia a inscrição do conhecimento em sua formulação ficcional. Portanto, tendo explanado os entrelaçamentos de uma lógica cosmopolita que se funda nos aspectos colonizatórios europeus e no mito da modernidade, faz-se pertinente voltar aos pontos principais cujos objetivos se delimitam em descentralizar as teorias

sobre a modernidade e entrever a literatura autraniana como uma ponte para se alcançar tais ideias.

Assim sendo, o tom crítico descolonial envolto pela inscrição corpo-geográfica do conhecimento me oferece assistência para uma possível saída quando se trata de retirar o eurocentrismo como única opção. Não busco exteriorizar as perspectivas eurocêntricas nem as rechaçar, pelo contrário, subscrito nas postulações de Walter D. Mignolo, viso a existência de ópticas plurais de mundo em direção à pluri-versalidades como projeto global (Mignolo, 2008). Se a rivalidade entre local e universal é a política central do cosmopolitismo moderno, contrariamente, a convivência de ambos sem disparidades hierárquicas se calca na descolonialidade a partir da pluri-versalidade de mundos possíveis.

A princípio, subsidio a prerrogativa de pensar um futuro pluri-versal ao pensar a partir de minha vida e local, onde meu corpo se insere enquanto uma forma de me sublevar contra a insistência de eurocentralizar as perspectivas sobre a modernidade. Paralelo a AuTRAN que redige a literatura de uma Minas Gerais em processo de modernização e opta por evidenciar o arcaico ao moderno, parto do lócus de onde escrevo para repensar os impactos ocasionados pela concentração de pontos de vistas que gravitam em torno da Europa. Circunscrevo-me, então, na afirmativa de Mignolo de “alguém é de onde está e está de onde é” (Mignolo, 2008, p. 303.) para estipular que alguém lê de onde está e está onde lê. Portanto, o que pretendo descortinar com a adaptação da assertiva do teórico é pôr em contato os elementos biolocais percebidos na crítica autraniana e do local de onde escrevo.

Dessa forma, faz-se indispensável retornar as duas hipóteses iniciais deste texto. A primeira sobre a possibilidade de se descentralizar as teorias sobre modernidade; a segunda acerca da inscrição corpo-geográfica da escrita a partir de Dourado. Ambas as hipóteses salientam que na minha argumentação, tanto o escritor mineiro quanto a inserção do biolócus do crítico delineiam prospectivas descentralizantes da modernidade, cada um a sua maneira. Sob a égide da descolonialidade, a

descentralização da modernidade eurocêntrica é possível, pois vejo na inscrição corpo-geográfica da escrita/conhecimento uma saída para a problemática apresentada. Assim, privilegiar a regionalidade, à la Autran, e, concomitantemente, não se curvar perante a imposição de uma única visão de moderno seria o estrado principal para erguer um futuro que se distancia de totalidades universais e, por conseguinte, valorizar a visão europeia à local.

As reflexões até aqui erigidas recaem na tônica crítica da minha produção, isso significa que os fundamentos da crítica biográfica fronteiriça me auxiliam repensar a modernidade, bem como o impacto das perspectivas monotópicas europeias. Enveredando-me pela rubrica eleita, o biolocus se mostra indispensável, já que se entrevê a insistência de se representar o arcaico de Minas Gerais pelas perspectivas de Autran Dourado. Não postulo que o mineiro tem como práxis de produção a crítica biográfica fronteiriça, entretanto, percebo a coexistência de seus traços locais mesclados a sua biografia, uma vez que me valho da epistemologia descolonial.

Por conseguinte, a descentralização das teorias sobre modernidade pode ser posta em cena a partir da insistência do literato em estagnar no tempo o processo modernizatório de Minas. Explico a assertiva anterior, retomando as ideias de Eneida, uma vez que traça a modernidade enquanto projeto inconcluso e contextualmente lida. Consequentemente, se ambas as alcunhas preconizam a centralidade europeia, dado que sua inconclusão perpetua a dicotomização entre local e universal, subverto-as, pois ambas também me permitem reler o moderno do meu biolocus de pesquisador sul-fronteiriço imbuído pela descolonialidade e alocado em um lugar relegado pela modernidade eurocentrada. Paralelamente, Autran não deixa de reler o fenômeno de sua óptica.

Em suma, concluo que todo o percurso teórico traçado até aqui oportuniza ver que a recepção crítica autraniana conflui com uma crítica que revisita o acúmulo de perspectivas eurocentrais da modernidade. O autor, uma vez que põe em voga a ficcionalização de Minas Gerais que se baliza na transição do período arcaico ao

moderno, ampara-se no desvencilhamento do culto ao progresso e modernização para a produção de sua obra. Estabelece-se um paralelo descolonial, já que entrevejo que o distanciamento de uma unânime possibilidade de moderno concretiza um universalismo que foge da inscrição biolocal do conhecimento. Desse modo, proponho que a modernidade se pauta em perspectivas europeias, tendo em vista o passado colonial, além disso, acresce-se o domínio geopolítico europeu que não coloniza somente territórios, mas também a sensibilidade dos sujeitos coloniais. Portanto, rumando a uma pluri-versalidade de mundos possíveis, postulo que a crítica de Autran Dourado ancora o autor dentro de seu contexto local e avanço inserido nas descolonialidade, a fim de colocar em evidência uma prática que se funda no a partir de para que o moderno em Autran Dourado seja lido enquanto um ato desobediente a qualquer universalismo totalitarista.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, M. R.; SOUZA, E. M. **Modernidade toda prosa**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2014.

DUSSEL, E. Eurocentrism and Modernity. **Boundary 2**, v. 20, n. 3, p. 65-76, 1993.

DUSSEL, E. Europe, Modernity and Eurocentrism. **Nepantla: views from the south** 1, n. 3, p. 465-478, 2000.

GUIMARÃES, J. A. Ficções nas ficções de Autran Dourado. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. 13, p. 42-59, 2024b.

GUIMARÃES, J. A. Introdução: As potências de Autran Dourado. **Santa Barbara Portuguese Studies**, v. 13, p. 1-6, 2024a.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. D. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del siglo, 2010.

MIGNOLO, W. D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

NOLASCO, E. C. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). **Cadernos de Estudos Culturais**: Brasil\Paraguai\Bolívia. v. 7, n. 14, jul./dez. 2015.

NOLASCO, E. C. Descolonizando a pesquisa acadêmica. **Cadernos de Estudos Culturais**: tendências artísticas do Século XXI. v. 1, jan./jun. 2018;

SOUZA, E. M. Modernismo mineiro e o cosmopolitismo. In: NOLASCO, E. C. (org.) **A literatura comparada no Brasil hoje**. Campinas: Editora Pontes, 2022.